

Onde estão as mulheres na história do design? Porque foram esquecidas mulheres com carreiras notáveis? Que mecanismos permitiram estas lacunas? Estas foram algumas das questões que a historiadora britânica Cheryl Buckley<sup>1</sup> lançou em 1986 e, ainda que pareça que caminhamos rumo à igualdade—que estes problemas historiográficos já não existem—passados trinta e cinco anos, o que mudou?

Embora metade dos profissionais de design sejam mulheres, apenas um terço das posições de direção são ocupadas por elas. As mulheres são consistentemente sub-representadas nos eventos de design e, quando existem oradoras, é-lhes dado menos tempo de palco que aos seus colegas homens<sup>2</sup>. Numa indústria que se orgulha da sua criatividade e inovação, estas estatísticas são contundentes. Os números estão a melhorar, no entanto será que podemos considerar o aumento de mulheres em posições de “sucesso” uma vitória pela igualdade? E é considerado sucesso se alcançado numa estrutura em conformidade com um sistema que propaga a desigualdade?

Embora seja necessário corrigir o equilíbrio do cânone através da identificação e do estudo do trabalho de mulheres designers, esse exercício, por si só, não é suficiente. É essencial perceber como, e por quem, é feita a história, para que a possamos interromper<sup>3</sup>, e começar o processo de desaprender e reaprender. O cânone não é só excessivamente composto por homens, como é também propagado por homens. Eles são os educadores, os patrões, os clientes. Eles são os editores, os curadores e os oradores. Chegou a altura de dar espaço às mulheres e propor uma errata à história do design gráfico. Como afirmou bell hooks as “tentativas em melhorar a representação das mulheres não pode apenas adicionar mulheres às histórias existentes—os métodos historiográficos devem ser transformados”<sup>4</sup>.

Para verdadeiramente reconhecer as mulheres no design, temos de perceber que o design não é uma prática solitária, mas um processo coletivo, que não é linear como a história do design—focada na narrativa simples protagonizada pelos corpos normativos, brancos, ocidentais, cisgénero das estrelas masculinas do design—nos ensina.

É o trabalho de muitas mentes, muitas mãos, muitas disciplinas. A dificuldade em documentar a pluralidade desta messy history<sup>5</sup> proporciona um sistema que seleciona as histórias mais claras, desvalorizando outras, ignorando nesse processo as contribuições de mulheres designers.

É possível que a visibilidade das mulheres no design gráfico seja hoje maior do que alguma vez foi, mas, na verdade, desde que há design que há mulheres designers. A sua ausência da história do design é tanto uma falha da memória, como uma falha da disciplina. Os métodos historiográficos que escolhemos usar, que decidem o que merece ser contado e o que pode ser esquecido, precisam de ser desconstruídos.

A Errata pretende apresentar contribuições de mulheres que foram subvalorizadas, ignoradas ou esquecidas pela história do design português e, ao fazê-lo, revelar os mecanismos ainda presentes que perpetuam estas omissões. A paisagem e a história sócio-política de Portugal são particulares, mas os sistemas que desvalorizam, omitem e ignoram o trabalho das mulheres são universais, e ao partilharmos esta investigação o mais amplamente possível esperamos contribuir para este debate necessário.

A história é uma meada: ao puxar um fio, como o fazemos aqui com as mulheres, outros fios igualmente entrelaçados se tornam visíveis, e outras histórias escondidas se dão a conhecer. Então, onde estão as mulheres no design? Onde estão es designers racializadas; es queer; es colectives; es recolhides; es autodidatas e es anónimes? Esperamos que, num esforço empenhado em reescrever, reaprender e recuperar essas várias histórias de forma crítica, consigamos, em breve, que as páginas da errata ultrapassem as páginas da História.

*Errata, 2021*

1 Cheryl Buckley, *Made in Patriarchy: Towards a Feminist Analysis of Women and Design*

2 Design Census

3 Ece Canlı, *Design History Interrupted: A Queer-Feminist Perspective*

4 bell hooks, *Feminist Theory: from margin to center*

5 Martha Scotford, *Messy History vs. Neat History: Towards an Expanded View of Women in Graphic Design*